

FRAGMENTOS DE IDENTIDADES MUSICAIS: RECORTE DE UMA PESQUISA BIOGRÁFICA

Maria Cecilia A.Torres
ceciliatorres@brturbo.com.br
FUNDARTE/UERGS

Resumo

Esta comunicação apresenta um recorte da minha tese de doutorado e discute alguns aspectos constitutivos das identidades musicais de um grupo de professoras e futuras professoras do ensino fundamental, todas elas também alunas de um Curso de Graduação em Pedagogia. O objetivo desta pesquisa foi conhecer e analisar as narrativas de si, orais e escritas, em um entrelaçamento entre memórias, músicas e discursos da mídia. O referencial teórico que permeou esse trabalho estruturou-se em autores dos campos dos Estudos Culturais, da Educação e da Educação Musical como Allan Luke, Carmen Luke, Simon Frith, Lucy Green, Jorge Larrosa, Stuart Hall, Kathryn Woodward, Douglas Kellner, Brian Roberts, Pablo Vila, Jusamara Souza, Leonor Arfuch, Néstor Garcia Canclini, Lawrence Grossberg, dentre outros. Optei por utilizar entrevistas orais e autobiografias musicais inseridas em um campo de trabalho da pesquisa biográfica e das *narrativas de si*. Nesta comunicação focalizo algumas abordagens acerca do tema das identidades, examinando as identidades culturais, a capacidade interpeladora das músicas da mídia, aspectos das identidades de professoras e futuras professoras, as relações entre corpo e identidade e os entrelaçamentos entre subjetividade, memórias e identidades.

Palavras-chaves: identidades musicais, narrativas, pesquisa biográfica

Abstract

This communication presents a piece of my doctorate thesis and discusses a few constitutive aspects of musical identities of a group of primary school teachers and teachers-to-be, who are also students of a Pedagogy Graduation Course. The target of this research was to acknowledge and analyze the self-narratives, both oral and written, in an interlacement of memories, music and media discourses. The theoretic reference that permeated this paper was structures in authors from the Cultural Studies, Education and Musical Education fields, such as Allan Luke, Carmen Luke, Simon Frith, Lucy Green, Jorge Larrosa, Stuart Hall, Kathryn Woodward, Douglas Kellner, Brian Roberts, Pablo Vila, Jusa-

mara Souza, Leonor Arfuch, Néstor Garcia Canclini, Lawrence Grossberg, among others. I chose to use oral interviews and musical autobiographies inserted in a field of biographic research and self-narratives. In this communication, I focus on some points of view on the identities theme, examining cultural identities, the interpellating capacity of the media music, aspects of the identities of teachers and teachers-to-be, the relations between body and identity and the interlacement of subjectivity, memories and identities.

Keywords: musical identities, narratives, biographic research

Introdução

Nos limites desta comunicação apresento um recorte da minha tese de doutorado e discuto alguns aspectos constitutivos das identidades musicais de um grupo de professoras e futuras professoras do ensino fundamental, todas elas também alunas de um Curso de Graduação em Pedagogia. O objetivo desta pesquisa foi conhecer e analisar as narrativas de si, orais e escritas, em um entrelaçamento entre memórias, músicas e discursos da mídia.

Ao começar as primeiras leituras *sobre identidades*, percebi a necessidade de mesclar idéias de autores de diferentes campos como Educação Musical, Estudos Culturais, Sociologia e Educação, imbricadas com histórias de vidas, carreiras, sentimentos e memórias, para tentar contemplar a complexidade de abordagens que o tema ia suscitando em mim.

Conforme avançava nas leituras e refletia acerca das questões que constituem as identidades, e especificamente identidades musicais, conceitos como diferença, gênero, hibridismo, contextos, subjetividade foram caracterizando-se como pressupostos para poder conhecer e analisar as narrativas do grupo de entrevistadas.

Busco em Hall (2000), na obra organizada por Silva, *Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais*, a argumentação de que:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora dos discursos que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu sentido tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna. (p.109)

Segundo Hall (1997), em seu artigo *Who needs identity?*, tem havido, nos últimos anos, uma considerável explosão discursiva em torno do conceito de identidade e, centra sua análise na “posição estratégica” de identidade e nas concepções de tempo, discursos, história, comentando:

Aceita-se que as identidades não sejam nunca unificadas e, no final dos tempos modernos, sejam cada vez mais fragmentadas e fraturadas: nunca singulares, mas múltiplas e construídas através das diferenças, freqüentemente com intersecções e antagonismos, discursos, práticas e posições. (p.4)

Uma outra abordagem vem de Stokes (1994), em livro que discute acerca das identidades e a construção dos lugares musicais. Nele o autor exemplifica a noção de identidade cultural expressa através dos movimentos migratórios e de relocação de população de imigrantes, que, ao ocuparem ‘novos’ espaços geográficos, levam suas experiências musicais, que são mescladas com as experiências musicais locais. Stokes explicita um exemplo com diferentes manifestações ou eventos musicais, comentando que:

O evento musical, da dança coletiva ao ato de colocar um CD numa máquina, evoca e organiza memórias coletivas e apresenta experiências de lugar com intensidade, poder e simplicidade, que não são igualadas por nenhuma outra atividade social. Os “lugares” construídos através da música envolvem noções de diferenças e fronteiras. (p.4)

É importante ressaltar também como as identidades se constituem dentro da cultura e, para tanto, considerar os fenômenos do hibridismo. Para abordar e desencadear reflexões sobre este tema, trago Canclini (1998), que analisa as culturas populares e chama a atenção para o aspecto da hibridização intercultural, destacando a fórmula “cultura urbana” para abranger as diferentes formas de cultura dispersas da modernidade. No âmago desta temática o autor destaca três processos que considera fundamentais para explicar a hibridização, que seriam: “a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros” (Canclini, 1998:284).

Segundo Canclini existem vários fatores que aceleram a hibridização cultural, dentre os quais ressalta a expansão cultural, utilizando exemplos de culturas latino-americanas que passaram de sociedades dispersas em múltiplas comunidades rurais, com suas culturas homogêneas, locais e tradicionais, para uma complexa rede urbana, onde se pode perceber a mescla de aspectos do local com as “redes nacionais e transnacionais de comunicação”.

Na lista de fatores que desencadeiam e aceleram a hibridização cultural, o autor destaca ainda que:

a urbanização predominante nas sociedades contemporâneas se entrelaça com a serialização e o anonimato na produção, com reestruturações da comunicação i-material (dos meios massivos à telemática) que modificam os vínculos entre o privado e o público. (p.286)

Ao enfocar o tema da hibridização e os aspectos já discutidos pelo citado autor, cabe examinar, numa visão mais ampla, os entrelaçamentos entre o chamado culto e o popular no espaço da arte, relativizando a oposição política entre subalternos e hegemônicos. Ele complementa que “o incremento de processos de hibridização torna evidente que captamos muito pouco do poder se só registrarmos os confrontos e as ações verticais”.

Fazendo ilações entre as idéias acerca de identidades e os diversos lugares que ocupamos no cotidiano, alguns autores ressaltam que a identidade não parece ser algo do qual somos proprietários, mas sim algo que fazemos, constituindo-se numa realização prática, adquirida e mantida através do uso da linguagem.

Outro autor que pesquisa nesta direção é Barker (1997), o qual vem apresentando seus trabalhos com um foco maior na análise das identidades culturais e suas múltiplas posições, em constantes movimentos e mudanças. Ele ressalta as diversidades e diferenças que existem nas identidades culturais, destacando o quanto as experiências vividas, as influências e as contribuições de outras pessoas e grupos culturais criam condições de possibilidades para a delineamento das mesmas.

Hesmondhalgh (2000), analisa as relações entre as músicas através das fronteiras regionais e nacionais, ressaltando que “por exemplo, nós podemos falar sobre conexões e diferenças entre as cenas alternativas de rock em colégios de pequenas cidades americanas e as cenas numa cidade provincial francesa” (Hesmondhalgh,2000:200). Parker (1999) e Pais (1993) são outros autores que também pesquisam acerca das culturas juvenis e identidades, estabelecendo conexões com as geografias e os espaços ocupados e divididos pelos jovens e suas manifestações culturais.

Ao fazer conexões entre música popular e contextos locais, Bennett (2000) pontua vários aspectos, dentre os quais a reconsideração do termo *local*, a relação entre identidade e localidade e o papel da música popular como um recurso na constituição e construção de identidades. Ele comenta o significado da ‘localidade’ no âmbito das culturas juvenis e

música popular, destacando algumas pesquisas que focalizam as práticas musicais locais de grupos de jovens e bandas de rock, onde o fato de tocar numa banda “serve como uma importante forma de escapismo dos aspectos mais mundanos da vida cotidiana” (Bennett, 200:57).

Para Maffioletti et al. (1995), em artigo em que relatam e analisam uma experiência interdisciplinar com professores do Ensino Fundamental, cujo tema era “O tempo e a origem na construção da identidade”, explicam o planejamento das atividades e pontuam que:

As atividades musicais propostas nesse trabalho possibilitaram recriar o mundo interior de cada um, numa dimensão que facilitou o engajamento do grupo num processo mais amplo de comunicação. Junto com a história de cada um, resgatou-se a história da relação de suas habilidades pessoais com a música, e como isso representou ou foi importante na construção de sua identidade (1995, p.166).

Os autores acima citados detalharam outros aspectos musicais que permearam as atividades, como aqueles que relacionavam as músicas lembradas pelos professores com a época em que elas foram tocadas e cantadas; sugeriram também que cada um cantasse alguma música de sua infância e alguma canção que ouviam das mães além das lembranças das brincadeiras e rodas cantadas. Na análise final das atividades, os autores enfatizaram, que através das brincadeiras cantadas e das preferências musicais explicitadas pelos professores participantes, pode-se concluir que as práticas musicais fazem parte “da história do sujeito, identificam sua origem e permitem a construção de conhecimentos sobre a sua identidade individual e cultural” (Maffioletti, 1995:169).

Ao final desta tese, emergiram diferentes questões identitárias através das narrativas orais e escritas do grupo de entrevistadas, destacando corpo e identidade, subjetividade e identidade, identidades de professoras, as quais permearam o trabalho e auxiliaram no processo de constituição das identidades musicais.

Algumas considerações

Memories, pressed between the pages of my mind
Memories, sweetened through the ages just like wine
Quiet thought come floating down
And settle softly to the ground...

(“*Memories*”, Elvis Presley)¹

Considero relevante, ao encerrar estas reflexões, apresentar uma estrofe da letra de uma música cujo título é “*Memories*” (Memórias), composta por Elvis Presley² e que des- cobri ao navegar num site de músicas.

A letra dessa canção nos fala das memórias que estão presas entre as páginas do pensamento e tornam-se adoçadas ao longo dos anos, como um vinho. Durante essa pes- quisa as memórias musicais foram sendo reconstruídas, ouvidas, escritas e narradas de vá- rias maneiras: sussuradas, digitadas, cantadas, faladas em tom alto, manuscritas e pensadas.

Mas quais são as relações que existem entre memórias e sons que permitem que os sons se entrelacem às identidades musicais? Pensando neste questionamento, busquei a argumentação de Stephanou (2003), num artigo sobre a memória sonora da Universidade, em que a autora descreve:

Nossa memória articula sons diversos com nossas vivências. Memória que o- ferece também pistas de inteligibilidade a sons enigmáticos que nos soam familiares, conhecidos, próximos e que nos esforçamos em reconhecer. De onde surgem, que ou quem os produz, em que momentos? Quantas vezes já ouvimos dizer “... es- sa música, ah! essa música!! Quantos segredos esconde? Faz lembrar... alguém, um afeto, uma noite, um lugar, uma partida, uma saudade...” (2003, p.1)

A autora prossegue em suas reflexões acerca da memória sonora, enfatizando que “os sons contagiam nosso cotidiano: além de nossas papilas gustativas, uma espécie de “papi- las auditivas” parece estar distribuída pelo corpo inteiro”. Articula essa idéia com as narra- tivas das alunas, ao trazerem suas lembranças musicais como um *escutar corporal*, não restrito ao aparelho auditivo, mas abrangendo os sons e melodias através de gestos, olha- res, movimentos.

Um outro enfoque a respeito de memórias e identidades vem dos estudos de Thompson (1993), para quem a memória pode tomar a forma de um script, de um roteiro, articu- lado com a constituição das identidades. Para o autor, existem ‘mistérios familiares’ que passam de geração para geração e que, neste caso, podem ser reconhecidos e analisados

¹ *Memórias, pressionadas entre as páginas da minha mente
Memórias, adocicadas ao longo da vida como vinho
Pensamento silencioso vem flutuando*

² *E assentou-se suavemente no chão... (“Memories”, Elvis Presley)*

² A letra da música foi retirada do site <http://www.lyrics.com>, em julho de 2001.

como uma forma particular de script familiar. Partindo dessa perspectiva de Thompson, vidas e memórias podem ser narradas de muitas formas.

Ressalto também a contribuição significativa neste campo de estudos da memória que vem do estudo de Bosi (2001), que, em sua conhecida obra *Memória e Sociedade*, pesquisa as lembranças de velhos e destaca ao longo de seu trabalho que neste tipo de abordagem os pesquisadores só registram fragmentos da memória, a qual para ela é “um cabedal infinito”. A autora ressalta que muitas passagens não são registradas e que ao longo das entrevistas e conversas, “lembranças puxam lembranças”, o que demandaria um “escutador infinito” para poder registrar todas as narrativas contadas por grupos de entrevistados e entrevistadas.

Ao finalizar, valho-me ainda das palavras de Bosi para situar a perspectiva sob a qual procurei ler, analisar e delinear as identidades musicais que emergiam com as lembranças trazidas das fases de infância, adolescência e vida adulta das entrevistadas, mescladas com sons da igreja, melodias cantadas pelos familiares, músicas da mídia e outras; ressalto assim que:

lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal qual foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual. Por mais nítida que pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nosso juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (Bosi, 2001, p.55).

Referências Bibliográficas

- BARKER, Chris. Global television : An Introduction. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.
- BENNETT, Andy. Popular Music and Youth Culture : Music, Identity and Place. London: Macmillan Press, 2000.
- BOSI, Ecléa. Memória e sociedade : Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 1998.
- HALL, Stuart. Who Needs ‘Identity’? In: GAY, Paul du. Question Cultural Identity. London: Sage, 1997. p.1-17.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) *Identidade e diferença : a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

HESMONDHALGH, David. Rethinking popular music after rock and soul, In: BORN, Georgina; HESMONDHALGH, David. *Western Music and its others*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

MAFFIOLETTI, Leda de A. Formação de professores para a educação infantil. In: Encontro de Educação Musical da ABEM, 7, 1998, Pernambuco. *Anais do VII Encontro de Educação Musical da ABEM*. Pernambuco: ABEM, 1998, p.77-87.

STEPHANO, Maria.. *Memória e Sons*. Porto Alegre: UFRGS, [s.d.]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/>. Acesso em: Julh. 2003.

STOKES, Martin. *Introduction: Ethnicity, Identity and Music: The musical construction of place*. Berg: Oxford Press, 1994

THOMPSON, J. B. *The Media and modernity: a social theory of modernity*. Cambridge: Polity Press, 1993.